

10.4025/6cih.pphuem.557

## **Cidade e identidade nas correspondências caipiras da *Belle Époque* paulistana\***

Beatriz Rodrigues (UNESP/Franca)

A cidade comporta múltiplas realidades e pode ser definida por uma variedade de pontos de vista. Compreendendo o termo “cidade” mais como estado de espírito do que como entidade física, buscamos refletir sobre a São Paulo da *Belle Époque* através de seções de correspondências encontradas em periódicos paulistanos no início do século XX. Tratam-se de correspondências que se utilizaram da denominada linguagem macarrônica, mistura intencional de línguas para fins paródicos, especialmente a que misturou o dialeto caipira com a língua falada na cidade<sup>1</sup>. Por meio de diálogos estilizados e cheios de humor, as correspondências em macarrônico caipirateceram a crítica e captaram a urbanização confusa e caótica, as disparidades sociais e o efeito desorientador que a metrópole proporcionava através de suas várias faces e ritmos, dissipando as bases de uma cultura de referência estável e contínua.

A reprodução de clichês do tipo: “São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo” se intensificava no início do século XX. Nessa época, São Paulo era uma das cidades mais ricas da federação e era tida como modelo a ser seguido pelo restante do país. A cidade foi pensada e articulada por meio de um discurso que privilegiou o progresso, o branqueamento da raça, as inovações tecnológicas, o saneamento, além de quaisquer outras medidas que viessem a “civilizar” a região<sup>2</sup>. A história de São Paulo, bem como a de muitas outras regiões do Brasil e da América Latina foi pensada e articulada como parte integrante das mudanças econômicas e é nesse sentido que a formação da identidade esteve *pari passu* com o projeto de modernização.

De acordo com Nicolau Sevcenko<sup>3</sup>, havia quatro princípios fundamentais que marcavam o transcurso da mudanças deste período. Em primeiro lugar,

10.4025/6cih.pphuem.557

estava a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; em segundo, a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; terceiro, uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade; e por último, um cosmopolitismo agressivo, onde a França era o “farol” que guiava as imaginações do resto do globo.

O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio.<sup>4</sup>

A cultura da modernidade paulistana era eminentemente urbana e a cidade tornava-se tema e sujeito das manifestações culturais e artísticas. Em oposição ao campo, a cidade era o lugar de construção da vida moderna, representando o progresso e a erudição<sup>5</sup>. Era considerado espaço de intervenção do homem e por esse motivo, passava a ser identificada à técnica e à artificialidade. Como afirma M. Stella Martins Bresciani<sup>6</sup>: “Fascínio e medo; a cidade configura o espaço por excelência da transformação, ou seja, do progresso e da história; ela representa a expressão maior do domínio da natureza pelo homem e das condições artificiais (fabricadas) de vida.” Para além da materialidade, porém, a cidade não é apenas produto da racionalidade humana, mas também de experiências, emoções, sentimentos; expressão de cultura dos que nela vivem e que constroem representações e identidades culturais. “Cidade não somente como símbolo de materialidade, mas também fruto e resultado de concepções e percepções de mundo que foram se firmando ao longo dos tempos; profusão de disputas imagéticas e simbólicas que perpassam qualquer coletividade”.<sup>7</sup>

De acordo com Ben Singer,<sup>8</sup> levando em consideração as teorias de George Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin, para compreendermos

10.4025/6cih.pphuem.557

as ambiguidades impostas à cidade naquele momento, devemos levar em consideração a concepção neurológica da modernidade. Esses autores acreditam que além das mudanças tecnológicas, demográficas e econômicas, a estrutura da modernidade alteraria também a experiência humana, caracterizada pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano. A modernidade seria “um bombardeio de estímulos”, que era capaz de alterar os fundamentos fisiológicos e psicológicos da experiência subjetiva:

A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeita o indivíduo a um bombardeio de impressões, choques e sobressaltos. O ritmo da vida tornou-se mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem.<sup>9</sup>

O advento de tecnologias revolucionárias, a urbanização e o crescimento populacional rápido somados a uma economia frágil e a uma política instável, pareciam diluir a memória coletiva<sup>10</sup>. A cidade era redesenhada pelas distintas formas de cultura que ali afloravam e os habitantes não conseguiam assimilar instantaneamente as mudanças urbanas e os novos valores. Essas transformações tocavam fundo na relação que os moradores possuíam com a cidade e também na própria significação que eles possuíam de si mesmos com relação ao ambiente que os rodeava.

De tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros, nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando

10.4025/6cih.pphuem.557

entende-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados.<sup>11</sup>

A vida na cidade assumia um estilo novo, pautado pela ideia de progresso que “hipnotizava” a população. Porém, sob o brilho exterior da cidade em expansão, começavam a aparecer problemas e ameaças já que “a urbe era, também, o espaço da perdição, do falso brilho”.<sup>12</sup> A transição de uma sociedade regional para uma sociedade cosmopolita, era um processo social descontínuo e diversificado, no qual as inovações não chegavam a romper com os traços tradicionais da cidade. A nossa Constituição formalmente liberal, contrastou-se com a realidade de uma República oligárquica, coronelista e excludente. A imigração maciça não livrou o país da existência dos escravos. O relevo acidentado da cidade e suas áreas pantanosas eram obstáculos à edificação de prédios e residências. A oferta de mão-de-obra excedia muito a demanda do mercado, aviltando os salários e mantendo elevada taxa de desemprego. A falta de água, os acidentes causados pelos automóveis e as enchentes, eram apenas alguns dos obstáculos encontrados para a modernização. Era a camada mais humilde da população que provava os frutos mais amargos deste crescimento fabuloso: carência de moradias e alojamentos, moléstias e alto índice de mortalidade, carestia, fome, baixos salários e desemprego.

No início do século XX, algumas correspondências que foram publicadas em revistas de humor e variedades da cidade de São Paulo, buscaram através de uma linguagem de transição, sintetizar o processo histórico pelo qual a cidade passava. Essas correspondências são chamadas macarrônicas porque os cronistas misturaram o português do Brasil com outros tipos de linguagens presentes na cidade, como o italiano, o alemão, o português de Portugal e o caipira. O macarronismo na verdade, era um recurso linguístico, onde a “língua quebrada” ou não homogênea trazia a tona experiências diversificadas da cidade, não se limitando ao dialeto italiano como o nome pode à primeira vista, indicar.<sup>13</sup>

10.4025/6cih.pphuem.557

A definição mais adequada para essa linguagem que passava a tomar as colunas epistolares seria o macarronismo literário, um tipo de estrangulamento feito quase a propósito de temas e sons que, de fato, surgiam da fala dos imigrantes italianos com misturas de caipirismo. O macarronismo, longe de ser uma língua mal falada, fosse ela em estilo italiano, caipira, germânico ou português, ganha seu real valor por ser uma forma caricata de abordar os fatos do momento.<sup>14</sup>

O macarronismo caipira em particular, que misturou o dialeto do interior com a língua falada na cidade, esteve presente em seções de correspondências de diversos periódicos paulistanos nesse período, tais como *O Pirralho* e *A Cigarra*<sup>15</sup>. Vários cronistas, como Cornélio Pires<sup>16</sup>, trocaram cartas entre si, trazendo à tona questões como: o deslocamento do campo para a cidade, a vida do caipira na metrópole, a qualidade de vida, a modernidade, etc. Por meio de diálogos estilizados e cheios de humor, acabaram por denunciar os choques e contrastes urbanos, diluindo em grande medida os ideais almejados na época. Caracterizaram-se pela mistura, pela heterogeneidade da língua, pelo efêmero e pelo circunstancial.

É preciso salientar que as correspondências caipiras não representaram a cultura do campo de forma pura e direta e provavelmente não era esta a intenção dos cronistas. Através de um discurso de alteridade, traziam à tona fatos e acontecimentos da própria vida urbana. Afinal, no começo do século XX, o caipira deixa de ser distante e passa a fazer parte integrante da formação da vida urbana paulistana. O mundo rural não tem mais autonomia com relação à cidade e mesmo que haja um esforço de parte de um determinado autor, ele não é capaz de se reportar a cultura caipira porque esta já se encontra influenciada pelos padrões citadinos. Márcia Naxara<sup>17</sup> acredita que o acesso à cultura do caipira se deu pela mediação desses cronistas, que não são manifestações puras ou diretas. Tratou-se de um olhar de fora e apesar da proximidade e, mesmo, da preocupação de respeito com relação à cultura caipira, o autor permanecia estrangeiro. “Qualquer material que tenha sido produzido a partir do campo sofre um processo de transformação ao ser apropriado e divulgado, pois tal divulgação só pode ser realizada a partir da escrita ou da imagem, ou seja, da cidade, civilização, lugar da história.”<sup>18</sup>

10.4025/6cih.pphuem.557

O macarronismo caipira, portanto, não se insere na dicotomia campo e cidade na medida em que a língua utilizada pelos cronistas era um estratagema para alcançar o público leitor. Dessa forma, reconhecemos esse código de linguagem como um veículo de crítica à crise de valores em voga na própria cidade de São Paulo. A cidade pode ser interpretada segundo perspectivas muito variadas e as cartas caipiras revelam a ambiguidade e a crise de valores pela ótica do humor, fazendo a crítica dos mais variados assuntos de forma leve e descontraída.

É no contexto do grande adensamento populacional, resultado dos deslocamentos do interior para a capital, bem como do fluxo migratório europeu, que os cronistas macarrônicos denunciaram a falta de homogeneidade nacional e uma aguda hesitação em termos de identidade. De acordo com Richard M. Morse<sup>19</sup>, o repentino afluxo de imigrantes gerava sociedades urbanas híbridas e/ou heterogêneas que as desintegravam socialmente. As tamanhas diferenças entre os membros da cidade sejam elas culturais, raciais ou de gênero, faziam com que sua identidade não fosse unificada e completa<sup>20</sup>. Então, o que significava ser brasileiro ou paulistano naquela realidade paradoxal, imensamente variada e regionalmente diversificada? Como demonstrado pelos cronistas, onde se procurou a homogeneidade, encontrou-se seu oposto:

[...] Vim li conta às novidades que eu sei d'aqui desta Policéia. [...] Esta cidade, cumpade, tá hoje tão ômentada que a gente fica espantada quando vê as cazaria os jardim mais as venida que se faz todos os dias. Agora tem quinze anno que eu tive aqui, em Novembro, mais o anno eu não alembro; tava muito diferente, e não tinha a capitá, cumo agora, tanta gente. Entonce de intaliano toda a cidade tá cheia, e quando a gente passeia tópa logo cun's dois mil, e pensa que este São Paulo né mais terra do Brazil.<sup>21</sup>

De maneira geral, a convivência entre caipiras e imigrantes foi representada nas correspondências de forma positiva. A mistura não foi tida como um problema, como destacado na seguinte fala: “Quero bem a intalianada que cum nós tão misturado; quero bem a turcaçada que inté me

10.4025/6cih.pphuem.557

vende fiado... [...]”<sup>22</sup> Por outro lado, é preciso destacar que de maneira geral, esse grupo foi representado como “o outro”, o estrangeiro que não pertencia àquele lugar e àquela comunidade. A mixórdia concebida pelo cidadão, pelo caipira e pelo imigrante, sem falar nas enormes disparidades sociais entre eles, compunha uma metrópole incongruente, com identidade instável, que os cronistas fizeram questão de declarar.

Em São Paulo, como em todo o mundo ocidental, havia, de acordo com Richard M. Morse<sup>23</sup> “uma exuberância infantil; por concepções ingênuas de ‘felicidade’ e refinamento cultural, e pela crença ingênua de que estas coisas eram as inevitáveis consequências do êxito financeiro em um mundo de oportunidades cada vez mais numerosas e compensadoras.” Nesse sentido, as pessoas conduziam suas vidas por coisas ou valores que de acordo com o autor eram fúteis. As cartas tenderam a desmanchar essas “ingenuidades” e concepções de felicidade ou refinamento, na medida em que o caipira desconfiava ou mesmo negava as *benesses* do progresso. A representação do cinema e do automóvel, símbolos da modernidade, é interessante para discutirmos sobre essas ambiguidades.

O automóvel, tema de muitas crônicas e caricaturas nos periódicos, foi representado pelos cronistas pela ótica do humor. O automóvel era o esporte predileto de parte da população e foi comumente representado como um moderno meio de transporte<sup>24</sup>. Por outro lado, os automóveis vieram para o Brasil sem que existisse uma estrutura viária, sinalização ou código de trânsito, o que gerava uma situação calamitosa, principalmente porque os atropelamentos, inclusive seguidos de morte eram apenas passíveis de uma multa de valor muito baixo para os infratores. A falta de sinalização, as ruas impróprias, a falta de manutenção e calçamento, corroboraram para que os automóveis e os bondes elétricos fossem tidos como obstáculos à cidade, sendo rejeitados moralmente:

Meu cumpade, o movimento dos bonde e dos ôtomove, mêmo nos dias que chove, é uma coiza que espanta. O diacho é o poeirão que

10.4025/6cih.pphuem.557

elles nas rua alevanta. As rua não são aguada nem mêmô as rua mais rica, de modos que a gente fica quando encontra um dos tál carro, si faz sol, cheio de pó; si chove, cheio de barro. Demais disso, todo dia dos otomôve os chôfero ou dos bonde os mortonêro, cumo o povo chama aqui, tocando os carro depressa mata gente sem senti. Eu quando saio na rua cum mia famia ou suzinho ando bem devargazinho e oiando pra todo o lado, cum medo de sê um dia pelos carros escangaiado.<sup>25</sup>

O cinema, parte da atmosfera cosmopolita, representava o sonho, a magia, o fluxo acelerado e imediatista da nova forma de vida e a população tendia a vestir suas melhores roupas e fazer desse espaço um centro de cultura e glamour.<sup>26</sup> Ir ao cinema pelo menos uma vez por semana era garantir a condição de moderno, alcançando prestígio social. Porém, nem toda a população paulistana o via da mesma forma, para os macarrônicos, a conotação do espaço era distinta:

Quano cheguei no São Paulo fiquei muito atarpaiada pro vê um diluvio de gente cada quá mais istovada anda tudo aos impurrão sem fala quá gente nada, e si eu lhes dô boas-tarde, elles pêga, e fais caçuada. Depois não é só o povo qui mi tem feito espantá. São as coisa qui se vê qui mi fais mêmô abisma, aqui ezéste umas coisa que diz cinema chama verdadeira nuvidade, mais, porém, muito imorá. [...] Os óio da gente arde de vê tanta baraiada, uma hora os beijo ferve, outra hora sae paulada. Verdadêra confusão. Verdadêra trapaiada. Mais o povo diz as fita, é bunita, é apriciada. Pra sê franca, seu compade, vô dizê toda a verdade. Eu não gosto destas coisa onde farta honestidade, onde os home beija as moça, cum tuda familiaridade. Sem o menos tê respeito das gente véia de idade.<sup>27</sup>

Registros da complicada questão da habitação, sobretudo das camadas mais humildes da população também foram encontrados nas cartas caipiras. Sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, assistimos a proliferação de cortiços nas grandes cidades, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo. Essa proliferação estava ligada ao fluxo de imigrantes e também ao crescimento do número de alforrias obtidos pelos escravos. De acordocom Sidney Chalhoub<sup>28</sup>, os preceitos de higiene da época consideravam esse tipo de habitação foco de irradiação de epidemias, além de terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos. Aos poucos, instrumentos legais para a proibição e demolição dos cortiços foram criados liberando as cidades para investimentos

10.4025/6cih.pphuem.557

imobiliários. Se a questão da habitação da população pobre da cidade era um problema, depois da demolição dos cortiços, ela se agravava. Faltavam habitações na cidade, principalmente decentes e baratas para que a população humilde conseguisse pagar o valor do aluguel, como demonstrado nos fragmentos a seguir: “O mais pió é que eu moro coa famia na pensão, que me custa um dinheirão. Eu caminho o dia intêro pra vê só se acho uma caza, mais quá! De caza nem chêro.”<sup>29</sup>

Cumo eu li participei, vim co'a famia pra cá, cum a tenção de morá; mais a muié qué que eu vorte, pois os alugué de caza tão pela hora da morte. E assim mêmo é bem difíce encontrá caza vazia, e quando as fôia anuncia que tem uma que se aluga os pretendente no dono trepa que nem sanguexuga [...]<sup>30</sup>

Representando uma espécie de “sobreposição dos tempos sociais”<sup>31</sup>, os cronistas revelaram uma sociedade entre o antigo (a sociedade regional paulistana que não deixou de existir) e o novo (a sociedade cosmopolita que se pretendia). Em uma correspondência encontrada na revista *A Cigarra*, o cronista Cornélio Pires trabalha com o choque entre dois mundos distintos, qual seja: o do brasileiro que almejava ser como o europeu, o homem citadino “moderno”, que falava corretamente e o caipira ignorante e incapaz. O escritor inverte a dualidade ao atribuir inteligência a fala do caipira e demonstrar que o homem urbano, letrado, polido, conhecedor de outras culturas era estúpido frente ao conhecimento do campo e a Cornélio Pires não resta outra alternativa senão o escárnio:

-O doto vae gostar da fazenda...

-A vida é estúpida em S. Paulo ou no Rio... Quanto mais numa fazenda... Quem, como eu, está habituado a Londres e Pariz... [...] Que insectos serão aqueles, brancos, como a neve de...

-Não é bichinho, não seo dotor. Aquillo, é semente de cabeça-de-véio, um matto que despois que aflorece, abre ua tocha branca, redonda, com mais de mir sementinha que nem guarda-chuvica, mordê pode arená c'o vento p'ra sameá por tuda a parte.<sup>32</sup>

10.4025/6cih.pphuem.557

Dessa forma, embora o crescimento econômico dos “belos tempos” gerasse a sensação de harmonia com as forças da civilização e do progresso das nações “modernas”, as correspondências caipiras reproduziram uma formação cultural diferenciada da “lógica” da modernidade, expondo uma sociedade culturalmente fragmentada. De acordo com Homi K. Bhabha, “A questão da diferença cultural nos confronta com uma disposição de saber ou com uma distribuição de práticas que existem lado a lado, *abseits*, designando uma forma de contradição ou antagonismo social que tem que ser negociado em vez de ser negado”<sup>33</sup>. Nesse sentido, a tentativa de mudar a sociedade paulistana, suas culturas e costumes rumo ao “civilizado”, desencadeava uma série de contradições que não podiam ser eliminadas juntamente com a estrutura arcaica da cidade. O caipira das correspondências diluía a identidade progressista projetada à São Paulo, na medida em que o moderno, o erudito e o elegante quadro que se pintava da cidade era desmanchado:

No domingo eu fui de noite no triatro pra oiá o seu Paulo Adão fala. [...] Quando eu entrei cum meu povo, as cadêra tava cheia de gente bonita e feia, mais tudo tava vestido cum luxo, que nós fiquemo de lá í bem rependido.[...] Ansim que tudo acabou D’aplôdi seu Paulo Adão, começou a falação... A Jeroma, mia menina, me disse logo: “Papai, não entendo patavinas”. Eu tamen tava na mêma, mais fazia que entendia, e cumo o povo aplôdia. Quando a muié, sem demora me falou: “Isso não presta; Ambrozo, vamos simbóra. Se eusubesse que era isso eu não tinha vindo cá pra como bôba fica”.<sup>34</sup>

Portanto, o caipira das correspondências cumpriu o papel de perturbar aquela civilização e os valores que se impunham a ela através da provocação macarrônica, mostrando justamente que não cabia uma forma única de representar a ambígua e diversificada metrópole. Expor a impossibilidade de uma identidade ou de um retrato único para a cidade de São Paulo, talvez tenha sido a maior contribuição desses cronistas que, através do humor verbal macarrônico, espelharam uma imagem errática, irregular e caótica da cidade na década inicial do século XX.<sup>35</sup>

## Notas

\*O artigo é parte de pesquisa que venho desenvolvendo no mestrado como bolsista CAPES, sob orientação da prof. dr. Márcia Regina Capelari Naxara.

<sup>1</sup> A respeito da linguagem macarrônica, ver: JANOVITCH, Paula. Correspondências Macarrônicas. In: *Preso por Trocadilho*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 160-184 e SALIBA, Elias Thomé. A macarronea dos desenraizados: humoristas em São Paulo. In: *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 154-215.

<sup>2</sup> Civilizar no sentido descrito por Norbert Elias, ou seja, um modo de moldar ou disciplinar os hábitos e comportamentos, desde pequenas atitudes até o controle do Estado e do poder público. Ver: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história de costumes e formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 43.

<sup>4</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit., 2003, p. 51.

<sup>5</sup> Sobre o assunto, ver: NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed.UnB, 2004.

<sup>6</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)". *Revista Brasileira de História*, v.5, nº8/9. São Paulo, 1985, p. 39.

<sup>7</sup> VIEIRA, Vera Lúcia Silva. Ignácio de Loyola Brandão: memória e literatura, a escrita como exercício da indignação. Dissertação. Franca, 2011. 234f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2011, p. 196.

<sup>8</sup> SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: *O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Thompson, Regina. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001, p. 115-148.

<sup>9</sup> SINGER, Ben. Op. cit., 2001, p. 116.

<sup>10</sup> SALIBA, Elias Thomé. Op. Cit. 2002, p.

<sup>11</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 31.

<sup>12</sup> NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998, p.118.

<sup>13</sup> Embora um dos princípios da linguagem macarrônica seja a autoria estrangeira, ou ao menos estrangeirada (como no caso de português de Portugal), a mistura do português falado na cidade e o dialeto caipira é tido como macarrônico na medida em que esses cronistas misturaram intencionalmente as duas instâncias como forma paródica. O cronista caipira, tal como o alemão, italiano, português ou francês, caracterizou-se pela mixórdia e pelo fragmento, representando através da crítica e da própria linguagem a situação provisória e instável da cidade de São Paulo no início do século XX.

<sup>14</sup> JANOVITCH, Paula. Op. Cit. 2006, p. 170.

<sup>15</sup> Vieram a público neste período, sob distintas modalidades, mais de seiscentas publicações paulistanas. Diferenciando-se da imprensa diária, tais como o Diário de São Paulo e o Correio Paulistano, esses periódicos eram humorísticos, literários, comerciais, infantis, políticos, religiosos, de variedades, dentre muitos outros.

<sup>16</sup> Cornélio Pires é autor de diversas cartas em dialeto caipira espalhadas pelos periódicos paulistanos. Nasceu na cidade de Tietê, interior de São Paulo, no dia 13 de julho de 1884. Foi escritor, compositor, conferencista, jornalista, contador de "causos", poeta e folclorista.

<sup>17</sup>NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. Cit. 1998, p.119.

<sup>18</sup>NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. Cit. 2004, p. 34.

<sup>19</sup>MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo* (De comunidade à metrópole), São Paulo, Difel, 1970, p. 274.

<sup>20</sup> De acordo Stuart Hall, estaria havendo desde o final do século XX, uma mudança estrutural que estaria fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, entre os membros de uma comunidade, sejam elas culturais, raciais, de gênero ou raça, fazem com que a identidade não seja unificada e completa, mas “híbrida cultural”. Sobre o assunto, ver: HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

<sup>21</sup> Cartas de um Mineiro, escrita por Ambrósio da Conceição. *O Pirralho*, 01 de Junho de 1912.

<sup>22</sup> Cartas de um caipira, escrita por Fidêncio Jué da Costa. *O Pirralho*, 24 de Agosto de 1912.

<sup>23</sup>MORSE, Richard M. Op. Cit., 1970, p. 276.

<sup>24</sup> Sobre a questão dos automóveis ver: “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. v3.

<sup>25</sup> Cartas de um caipira mineiro, escrita por Ambrósio da Conceição. *O Pirralho*, 15 de Junho de 1912.

<sup>26</sup>Sobre o cinema na *Belle Époque*, ver: ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

<sup>27</sup> Cartas de Nhá Pulcheria, escrita por Purcheria do Sabará. *A Cigarra*, 15 de Fevereiro de 1917.

<sup>28</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.15-59.

<sup>29</sup> Cartas de um caipira mineiro, escrita por Ambrósio da Conceição. *O Pirralho*, 15 de Junho de 1912.

<sup>30</sup>Cartas de um mineiro, escrita por Ambrósio da Conceição. *O Pirralho*, 01 de junho de 1912.

<sup>31</sup> O termo é utilizado por SALIBA. Op. cit., 2002, p. 177

<sup>32</sup> Página Caipira, escrita por Cornélio Pires. *A Cigarra*, 17 de Janeiro de 1917.

<sup>33</sup>De acordo com Homi Bhabha, estudioso pós-colonial, a ideia de nação é limitada, contraditória e hierarquizadora porque apaga as diferenças culturais entre seus membros, omitindo uma sociedade que na verdade é fragmentada e híbrida. BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 227.

<sup>34</sup> Cartas de um caipira mineiro, escrita por Ambrozo da Conceição. *O Pirralho*, 29 de Junho de 1912.

<sup>35</sup>SALIBA, Elias Thomé. Op. Cit. 2002, p. 179.

### Referências bibliográficas

BRESCIANI, Maria Stella Martins. “*Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano* (as cidades no século XIX)”. Revista Brasileira de História, v.5, nº8/9. São Paulo, 1985.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Entrevôos macarrônicos, em *Travessia* (Revista de Literatura), n. 39, jul.-dez. 1999, Florianópolis, UFSC; pp. 73-101.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os Bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

10.4025/6cih.pphuem.557

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril. Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história de costumes e formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

JANOVITCH, Paula. *Preso por Trocadilho*. São Paulo: Alameda, 2006.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

MARTINS, Ana Luíza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp/Edusp/Imprensa Oficial, 2001.

MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo (De comunidade à metrópole)*, São Paulo, Difel, 1970.

NAXARA, Márcia R. C. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870/1920*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed.UnB, 2004.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. rev. e ampliada, 2003.

\_\_\_\_\_. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. (Org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. v3.

SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. In: *O cinema e a invenção da vida moderna*. Trad. Thompson, Regina. São Paulo: Cosac & Naif Edições, 2001. P. 115-148.

VIEIRA, Vera Lúcia Silva. *Ignácio de Loyola Brandão: memória e literatura, a escrita como exercício da indignação*. Dissertação. Franca, 2011. 234f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2011.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.